

EVIDÊNCIAS DO FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA ORAL NO TEXTO ESCRITO

Vera Pacheco

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Neste artigo, tem-se o objetivo de mostrar que a língua escrita possui recursos que sinalizam, no texto escrito, certos funcionamentos da língua oral. Dessa forma, pretende-se mostrar que, dentro de certos limites, há uma estreita relação entre esses dois sistemas.

Abstract: In this paper, our aim is to show that written language has recourse that indicate, in this written text, some functioning of the spoken language. So, we pretend to show that within some limits it has a narrow relationship between two systems.

1 A língua escrita

A capacidade comunicativa oral (tanto produção, quanto percepção) é inata ao ser humano, o que significa dizer que o homem a desenvolve sem a necessidade de um ensino sistematizado. Alguns estudiosos chegam a defender a hipótese de que essa capacidade seja de fato um instinto, como o são, por exemplo, a capacidade de tecer teias da aranha ou a capacidade que os morcegos têm em capturar insetos, via sofisticado sonar (PINKER, 2002).

O ser humano, além da comunicação oral, ainda conta com o sistema de escrita, para fins comunicativos. Assim, a língua pode ser expressa tanto na sua forma oral, quanto na sua forma escrita; dois sistemas de signos que, de acordo com Saussure (1970), são diferentes entre si, mas que acabam se misturando intimamente¹.

Diferentemente da língua falada, a língua escrita não é uma capacidade inata, um instinto, mas uma invenção humana, um produto sócio-cultural, cuja origem remonta a um passado relativamente recente, se se considerar as dezenas de milhares de anos pelos quais se estende o progresso intelectual da humanidade (DIRINGER, 1969).

O surgimento da escrita é um marco na história da humanidade. Para Higounet, “a escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria” (HIGOUNET, 2003, p. 10). Tanto o é, que historiadores dividem a história da humanidade em antes e depois da escrita.

¹ Vale ressaltar que Saussure opõe língua x escrita e admite que a função da escrita é representar a língua.

A origem da escrita pode estar ligada a uma questão prática: transação comercial. Conforme afirma Afonso (2002), para alguns pesquisadores, o surgimento da escrita está relacionado ao aumento das atividades comerciais de longa distância. De acordo com esse autor, a troca do excedente produzido na agricultura com outros bens, como os minérios de cobre e o estanho, importados de seus lugares de origem, por vezes longínquos, tornou necessário saber com exatidão os pontos de trocas e as rotas para se chegar a esses pontos, bem como se tornara necessária a adoção de sistemas de pesos e medidas padronizados.

Outra hipótese possível para o desenvolvimento da escrita é a de que a escrita tenha surgido como forma de representar a língua falada (HIGOUNET, 2003). De acordo com Higounet, “diante da necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo recorreu a engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nós, entalhes, desenhos” (HIGOUNET, 2003, p. 9). “A escrita seria uma forma de fixar a linguagem articulada por essência fugidia” (HIGOUNET, 2003, p. 9).

Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (1999), a escrita nada mais é que a representação da linguagem oral e como tal recupera todas as suas características, inclusive a sua linearidade e seu caráter sintagmático.

Independentemente da razão pela qual a escrita foi inventada, é fato que sem ela a história da humanidade teria outro cenário. Todas as atividades que dependem de certo grau de permanência como a lei, a religião, o comércio, a poesia, a filosofia seriam incalculavelmente restritas. Provavelmente os avanços científico-tecnológicos até agora alcançados não seriam os mesmos.

2 A língua escrita como representação gráfica da língua falada

Uma das hipóteses para o surgimento da escrita foi a necessidade do homem de representar a língua falada. Essa hipótese é fortemente sustentada pelo princípio básico que está subjacente no sistema alfabético: a representação gráfica dos sons de uma dada língua.

Mas a relação entre língua escrita e língua falada não é prontamente aceita pelos teóricos. Muitos argumentos são usados no sentido de que língua escrita e língua falada constituem dois sistemas independentes com regras, características e usos próprios.

É quase senso comum a alegação de que a escrita é mais conservadora, ao passo que a língua oral é mais dinâmica, o que acarreta distanciamento muito grande entre os

dois sistemas. É também comum o argumento de que não há uma relação biunívoca entre fonemas e letras: várias letras podem representar um mesmo fonema, bem como uma única letra pode representar vários fonemas.

A diferença que existe entre a língua escrita e a língua falada pode ser compreendida se se considerar a principal função da ortografia, que, de acordo com Cagliari (1998), é neutralizar a variação lingüística.

Considerando que todas as línguas apresentam variações dialetais, seria estranho escrever uma palavra de diferentes formas. Assim, cabe à ortografia neutralizar todas essas variações dialetais e apresentar uma única forma de escrita, que deverá ser lida pelo leitor de acordo com o seu dialeto (CAGLIARI, 1998 e MATEUS, 2006) De acordo com Cagliari (1998), é impraticável achar que existe uma ortografia fonética. A variação lingüística é neutralizada pela ortografia que esconde a real pronúncia da palavra.

Além disso, a diferença entre fala e escrita está efetivamente prevista, haja vista que a escrita tem por essência representar a fonologia de uma língua. Assim, a escrita não tem um compromisso de registrar tudo o que é dito pelo falante. Ela não tem, pois, um objetivo fonético. Assim, caberá a ela registrar aquelas realizações que são de fato distintas para a língua. Realizações orais que não contribuem para efetiva organização do sistema fonológico não são contempladas.

Esse registro fonológico da escrita é bastante evidente na determinação da abertura vocálica das vogais médias na escrita do Francês e do Português, línguas em que há uma oposição entre vogais médias abertas e fechadas. A oposição de abertura vocálica nessas duas línguas é registrada por meio de dois diacríticos. Enquanto o sistema de escrita do Francês registra essa oposição usando os diacríticos ´ (acento agudo) e ` (acento grave), respectivamente, sobre as vogais médias fechadas e abertas (exemplos: *père* x *pépé*); o sistema de escrita do Português do Brasil, tende a sobrepor às vogais os diacríticos ´ (grave) e ^ (circunflexo) como nos pares mínimos opositivos *avó* / *avô*, *pé* / *pê* (letra pê). A presença de um ou outro diacrítico, nas duas línguas, é determinante para o sentido da palavra.

A representação da língua falada pela escrita chega, por vezes, a um razoável grau de precisão a ponto de haver, em algumas línguas, o registro, na escrita, de processos fonológicos. Em Alemão, o processo de metafoia com a vogal /e/ que ocorre na língua falada é representado na escrita por meio do diacrítico Ÿ, umlaut, que é colocado sobre as vogais a, o, u, (KELLER, 2001) como ocorre em nomes como

Abächerli, Schröder e Kürten. A língua francesa também registra na escrita, por meio de apóstrofe (’), o processo de eliminação de vogal de final de palavra que antecede uma outra que comece por uma vogal ou h não pronunciado (*j’aime; être à l’heure*).

No rol dos contra-argumentos apresentado para a hipótese da escrita como representação da fala, é também recorrente a afirmação de que a escrita não consegue expressar todos os recursos da língua falada, a escrita não preenche a função da fala, ou ainda diz-se que muita coisa se perde ao se passar da língua oral para a língua escrita. Em linhas gerais, esses contra-argumentos apontam para uma certa deficiência do sistema de escrita.

Para Cagliari, entretanto, essa “deficiência” do sistema de escrita, que muitos costumam apontar, não constitui uma falha do sistema, mas “deve-se mais às opções de quem escreve do que aos recursos de que dispõem os sistemas de escrita” (CAGLIARI, 1989, p. 195). Para o autor, um sistema de escrita como o nosso possui recursos que mostram ao leitor mais sutilezas e nuances da fala do que comumente se costuma acreditar, como a representação de elementos supra-segmentais e prosódicos.

O sistema de escrita alfabético parece, então, registrar, com certo grau de precisão, a língua falada, chegando mesmo a registrar aspectos típicos da fala oral, cujo estudo é considerado difícil dada a sua natureza abstrata, como é o caso da prosódia.

3 A relação entre escrita alfabética e prosódia: os marcadores prosódicos

Considerando que a escrita é uma tentativa de representar a língua falada, cujas organizações fonológica, sintática e comunicativa contam com uma forte atuação de elementos prosódicos, é presumível, então, que a escrita busque, de alguma maneira, registrar graficamente aspectos prosódicos da língua falada.

E, de fato, a escrita alfabética busca registrar desde aspectos prosódicos imprescindíveis para a organização fonológica, até aspectos prosódicos determinantes em uma situação comunicativa. Tem-se, assim, que variações prosódicas que constituem traços distintivos na língua são efetivamente representadas na escrita alfabética por meio de diacríticos, como acontece, por exemplo, no Latim e no Português.

A duração distintiva do sistema fonológico latino, que opunha vogais longas e breves, era representada na escrita por meio de dois diacríticos, respectivamente, ¯ , ˘ (IVO; REZENDE; MAFRA, 1987). A presença desses diacríticos sobre as vogais

indicava para o leitor com que duração aquela vogal deveria ser obrigatoriamente realizada durante a leitura oral e silenciosa.

No PB, a tonicidade silábica é um aspecto prosódico distintivo. Há, nessa língua, uma tendência geral de o acento lexical cair sobre a penúltima sílaba da palavra ou sobre uma sílaba pesada (COLLISCHONN, 2001).

Diante dessa tendência geral da língua, a marcação do acento gráfico na escrita só é feita nos casos em que o acento lexical não coincidir com a duas tendências gerais. Assim, palavras como *panela*, *peteca*, em que a sílaba tônica da palavra incide sobre a penúltima sílaba, sem haver na palavra uma sílaba pesada para atrair o acento, nenhum diacrítico é usado para marcar a sílaba tônica, já que o acento lexical segue a tendência geral da língua. Também, não tenderá ter marcação gráfica, quando a sílaba tônica for pesada como, por exemplo, em *amor* cuja sílaba tônica é a sílaba pesada –mor.

Se, contudo, o acento lexical não cair sobre a penúltima sílaba nem sobre uma sílaba pesada, a escrita marcará com um diacrítico a sílaba tônica. É por esse motivo que, na escrita do Português, marca-se graficamente o acento lexical em palavras do tipo *pílula* e *sabiá*, em que a sílaba tônica não recai sobre a penúltima sílaba, mas sobre a antepenúltima e a última sílabas. O sistema de escrita tenderá a marcar, também com acento gráfico, palavras como *dólar*, *açúcar*, (COLLISCHONN, 2001) em que, diferentemente do previsto, a sílaba tônica não recai sobre a sílaba pesada, mas sim sobre uma sílaba leve.

A escrita não só apresenta recursos para registrar aspectos prosódicos envolvidos na organização do sistema fonológico de uma língua, como também apresenta recursos para registrar outros elementos prosódicos importantes em uma situação comunicativa.

Um texto escrito, em especial a narração, segundo Cagliari (1989), possui marcas gráficas que têm como função principal indicar para o seu leitor como deverão ser as variações melódicas e entoacionais da passagem que estão sob o escopo dessas marcas gráficas, que podem ser de natureza diversa e incluem desde formatação do texto à escolha lexical e uso de pontuação.

A formatação do texto pode ser uma grande fonte de informação prosódica. A clássica obra da literatura brasileira *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, possui passagens nas quais as características prosódicas da fala das personagens envolvidas, na situação comunicativa descrita, são obtidas pela disposição do texto, como no capítulo LV “O velho diálogo de Adão e Eva”.

chegou ao fim. As exclamações e interrogações indicam fim de turnos conversacionais com variações melódicas que indicam surpresa, espanto, dúvida, questionamento, irritação, etc.

A formatação da letra, tipo e tamanho é um dispositivo que a escrita dispõe para produzir efeitos prosódicos. A mistura de diferentes formas de letras pode ser útil para destacar uma palavra de modo a enfatizá-la. Nesse sentido, é bastante recorrente o uso de letras itálicas e o de letras maiúsculas. Outro recurso recorrente é a utilização das transcrições fonéticas para indicar um barulho ao invés de usar palavras dicionarizadas (CAGLIARI, 1989, 2002).

Além desses recursos gráficos, a escrita ainda conta com dois outros tipos de marcas para indicar variações prosódicas: a) referências a atitudes e ao modo de dizer, que se dão basicamente através de advérbios como, por exemplo, nervosamente, com medo, rispidamente, ou através de verbos, a exemplo de gritou, murmurou; e b) sinais de pontuação: ponto final, interrogação, exclamação, dentre outros. A esses recursos gráficos e aos demais Cagliari (1989, 2002) dá o nome de marcadores prosódicos (MP) da escrita.

Os MPs são, então, recursos gráficos usados na escrita para determinar o comportamento prosódico do leitor. São recursos que expressam informações de caráter estritamente prosódico que são, típicas da fala oral, em situações comunicativas. Assim, são considerados marcadores prosódicos: tipo e tamanho de letra, paragrafação, transcrição fonética, referências ao modo de dizer e sinais de pontuação (CAGLIARI, 1989, 2002).

Diante dos recursos de marcação prosódica, oferecidos por um sistema de escrita alfabética como o do PB, a perspectiva de que a escrita não consegue representar a fala deve ser ponderada. Nas palavras de Cagliari:

Deve-se rever a crença segundo a qual a escrita é muito pobre com relação à fala, sobretudo com relação ao seu aspecto fonográfico. Essa afirmação tem mais a ver com a natureza dos textos escritos, do que com os recursos de que os sistemas de escrita dispõem para representar a fala. (CAGLIARI, 1989, p. 203)

3.1 Os marcadores prosódicos lexicais

Em seu dia-a-dia, o falante está inserido em situações comunicativas que lhe exigem não só escolhas de ordem paradigmática e sintagmática e organização do enunciado dentro dos princípios fonológicos de sua língua, mas também lhe exigem intenção de comunicação, uma atitude, conforme linha de raciocínio de Reis (2001), com base em Searle (1981).

Segundo Reis, partindo de Searle (1981):

O enunciado produzido por um locutor X, com uma intenção I, é destinado a uma alocutário Y, no tempo T e num espaço E. E é desses elementos de situação de fala que se extraem as pistas de contextualização necessárias à interpretação semântica do enunciado. (REIS, 2001, p. 222)

Ainda de acordo com Reis, a atitude dos falantes tem a entonação como um componente privilegiado para a atribuição de sua carga semântica. Assim, de acordo com o autor, “a entonação desempenha papel fundamental no ato de comunicação lingüística através da manifestação de atitudes de falantes” (REIS, 2001, p. 223). Por meio da entonação, portanto, será possível aferir atitudes do falante tais como a polidez, autoritarismo, arrogância, etc, sendo a atitude, diferentemente da emoção, um comportamento do falante que é controlado e determinado por ele, próprio, com implicações morais e intelectuais como a ironia, a reprovação, a justificativa (FÓNAGY, 1993).

Essas variações melódicas presentes nas situações comunicativas, decorrentes da atitude do falante, da modalização e da emoção são variações prosódicas também passíveis de serem registradas na escrita por meio de expressões que, segundo Cagliari:

Caracterizam atitudes do falante, emoções e modos de dizer que fazem uma referência à prosódia da língua, uma vez que tais atitudes, emoções e modos de dizer precisam ser realizados foneticamente de uma determinada maneira e não de outra. (CAGLIARI, 2002, p. 7)

Assim, para Cagliari (1989, 2002), esses aspectos das situações comunicativas são representados na escrita por meio de expressões semânticas a até por pequenas

“descrições de situações em que a fala aparece bem definida em vários aspectos fonéticos, inclusive prosódicos” (CAGLIARI, 2002, p. 10). Esses marcadores constituem entradas lexicais no léxico mental dos falantes e, sendo uma entrada lexical, estão sujeitas, portanto, ao funcionamento de qualquer unidade lexical, como por exemplo, pertencer a uma classe gramatical.

Dessa forma, essas referências semântico-lexicais de cunho prosódico podem pertencer a diferentes categorias gramaticais, podendo ser um adjetivo, advérbio, expressões adverbiais que são usadas para qualificar prosodicamente o significado de um verbo que se refere ao ato de falar (CAGLIARI, 2002).

O que torna essas entradas lexicais especiais ao ponto de serem classificadas como marcador prosódico é justamente a sua carga semântica, que traz informações de cunho prosódico, podendo se referir “às atitudes do falante, seus sentimentos, ao ritmo, ao volume, ao andamento, enfim, a qualquer um dos parâmetros constitutivos da prosódia como um processo geral” (CAGLIARI, 2002, p. 11).

Trata-se, pois, de um marcador prosódico do tipo lexical, podendo ser tratado, então, como Marcadores Prosódicos Lexicais (MPL) que possuem tanto informações da ordem da escrita, já que são palavras constituídas ortograficamente, quanto informações da ordem da fala, precisamente, prosódica, já que sua carga semântica traz necessariamente informações que remetem a variações prosódicas.

Para Cagliari, a Língua Portuguesa possui várias palavras e expressões que podem ser usadas na escrita para fazer referência a elementos prosódicos de várias naturezas, como, por exemplo, ao acento. Na língua escrita, referências ao acento podem ser encontradas em expressões como falou acentuando bem as palavras; disse enfaticamente... (CAGLIARI, 2002, p. 4).

Referências ao ritmo e à velocidade de fala são feitas como em falou devagar, falou destacando as palavras, disse bem devagar. Expressões como falaram os dois ao mesmo tempo; interrompeu fulano e disse, continuou, replicou, etc., fazem referência à concatenação que é o modo de fala sem pausas. (CAGLIARI, 2002, p. 5)

A tessitura, que, de acordo com Cagliari (2002), refere-se à escala melódica usada na fala e está compreendida entre o tom mais grave e o mais agudo, pode ser resgatada na escrita por meio das palavras como murmurou (tessitura baixa), berrou (tessitura alta).

Já o volume, que é a intensidade com que o enunciado é dito, pode ser resgatado na escrita por meio de gritou (volume forte, geralmente classificado pelo ouvinte como

som alto) e falou baixo (volume fraco, geralmente classificado pelo ouvinte como som baixo).

Com essas marcas, dentre outras apresentadas por Cagliari (1989, 2002), a escrita faz referências a aspectos estritamente prosódicos que são típicos da fala oral. Assim, é possível fazer referências às falas de personagens, indicando, dessa forma, as atitudes dos falantes, bem como suas emoções e sentimentos. Esses modos de dizer indicam ao leitor que as falas dessas personagens devem ser realizadas de um modo e não de outro, o que implica variações nos parâmetros prosódicos, quais sejam, entoação, ritmo, acento, etc. (CAGLIARI, 2002).

Com base nas análises de Cagliari (1989 e 2002), Pacheco (2003), em trabalho experimental, detectou auditivamente, em leitura oral de textos narrativos, variações de velocidade de fala, tessitura e volume, desencadeadas por MPLs. As análises de outiva da autora vão ao encontro das análises realizadas por Cagliari (2002). Assim, esses autores trazem evidências adicionais importantes para a hipótese de que a escrita possui recursos para registrar a língua falada de uma forma bem completa, não havendo nenhum prejuízo para a comunicação.

3.2 Os marcadores prosódicos gráficos

A escrita alfabética pode possuir como parte constitutiva sinais gráficos de diferentes formas. Esses sinais gráficos são chamados de sinais de pontuação com usos e funções bastante diversificados, como evidencia a fala de Catach:

La ponctuation constitue, auprès des signes alphabétiques, un système de renfort, d'ordre à la fois séparateur (des mots et groupés de mots) intonatif, syntaxique, discriminatoire et sémantique, destiné avant à une aide à la lisibilité. Ce système possède une sémiologie propre, et occupe depuis toujours (c'est là une découverte) dans l'écrit une place majeure. Il est destiné à éclairer le texte, à éviter les ambiguïtés de l'acte de lecture, dans tous les sens de ce mot, saisie matérielle et interprétation à la fois orale, visuelle et sémantique (...). (CATACH, 1998, p. 32)

Essa multiplicidade de funções que os sinais de pontuação agregam hoje, conforme Catach (1998), não deixa de ser, em última análise, um reflexo das múltiplas

funções que essas marcas gráficas assumiram ao longo da história da escrita, que registra as formas primitivas do que hoje se considera como sinais de pontuação, já nos primeiros documentos escritos pelos sumérios (CAGLIARI, 1995). Para esse autor, “a primeira manifestação da escrita veio não só com os caracteres, mas também com marcas discursivas que hoje costumamos chamar de sinais de pontuação” (CAGLIARI, 1995, p. 178).

Os primeiros textos escritos pelos sumérios, segundo Cagliari (1995), separavam os grupos sintáticos e semânticos com traços formando quadrados e retângulos. Já os Egípcios, quando usavam a escrita hieroglífica, separavam os nomes próprios, colocando-os dentro de casulos (CAGLIARI, 1995).

Apesar das regras impostas, no século XV, pelos gramáticos e pelos tratadistas de questões de ortografia, os sinais de pontuação nunca tiveram normas de usos rigorosamente estabelecidas (CAGLIARI, 1995). Até mesmo nos dias atuais, em que esses sinais constituem parte integrante de qualquer texto escrito, no sistema de escrita, não há normas precisas quanto ao uso dessas marcas gráficas, que é bastante variável entre os autores de uma mesma língua e, naturalmente, entre as línguas, sendo quase uma questão de estilo (CAGLIARI, 1995; ROCHA, 1997). Não há, além disso, um acordo entre os autores quanto ao conjunto de marcas gráficas que devem ser consideradas como sinal de pontuação (CAGLIARI, 1995).

Hoje, não só falta consenso entre os teóricos quanto ao uso dessas marcas, como também não há unanimidade quanto ao seu papel no texto escrito. De acordo com Hill; Murray (1998), os teóricos se dividem, basicamente, em dois grupos: os que defendem a hipótese de que a pontuação funciona como um guia em construções gramaticais, sendo, portanto, sintaticamente condicionada (BALDWIN; COADY, 1978, entre outros) e os que defendem que a pontuação seja um tipo de transcrição entoacional e, nesse sentido, seria um análogo visual da prosódia (KONDO; MAZUKA, 1996; COHEN; DOUAIRE; ELSABBAGH, 2001, entre outros).

Outras hipóteses sobre a função dos sinais de pontuação incluem: (i) marcas semânticas para tornar os textos mais claros e evitar ambigüidades (CAGLIARI, 1995; HILL; MURRAY, 2000); (ii) marcas de coerência e coesão (CAGLIARI, 1995); (iii) forma de inscrição do sujeito em seu sujeito (JUNKES, 2002), ou ainda; (iv) delimitadores de unidades rítmicas que se caracterizam por uma conjunção de fatores de natureza semântica, morfossintática e prosódica, não sendo possível separar esses aspectos (CHACON, 1998).

A hipótese de que os sinais de pontuação são uma forma de representar variações prosódicas da língua falada recebe muitas críticas. A grande maioria dessas críticas está centrada no argumento de que a escrita não representa a fala e de que essas marcas gráficas não resgatam a complexidade melódica presente na língua falada ('t HART; COLLIER, COHEN, 1990, dentre outros). Dentro dessa óptica, então, a função dos sinais de pontuação é estritamente sintática e de organização textual.

Há trabalhos, contudo, que têm mostrado a forte relação entre sinais de pontuação e variação melódica. Os trabalhos de Cagliari (1989, 2002, entre outros) apresentam descrições tonais significativas dos sinais de pontuação usados na escrita do Português, o que torna esses trabalhos referências na temática pontuação e prosódia.

Partindo da hipótese de Cagliari (1989) de que os sinais de pontuação funcionam como marcadores prosódicos na escrita, Cagliari (2002), com base no modelo descritivo de Halliday (1970) com adaptações de Cagliari (1982), propõe padrões prosódicos prováveis para os sinais de pontuação mais usados na escrita do PB. De acordo com a proposta do autor, o ponto final, dentre outros exemplos, que tem como função primária indicar final de oração declarativa (ou interrogativa indireta, com o pronome interrogativo), é realizado com tom 1, ou seja, tônica saliente marca mudança de tom médio para tom baixo. Para cada sinal de pontuação usado na escrita, bem como para algumas combinações desses sinais o autor atribui um padrão entoacional.

Seguindo a mesma linha teórica de Cagliari (1989, 2002), Pacheco (2006), em trabalho experimental, a partir da leitura oral de seis informantes, caracteriza acusticamente os 7 sinais de pontuação mais típicos da escrita do PB: dois pontos, exclamação, interrogação, ponto final, ponto e vírgula, reticências e vírgula. A autora encontra variações de F0, intensidade, duração e pausa tanto no componente tônico quanto no componente pretônico nos enunciados que aparecem ao lado dos sinais de pontuação investigados. Suas análises mostram que esses sinais de pontuação podem ter características acústicas particulares que os tornam diferentes entre si

A hipótese de Cagliari (1989) de que os sinais pontuação funcionam como marcadores prosódicos é reafirmada por Cagliari (2002), ao apresentar uma descrição prosódica dos principais sinais de pontuação do PB. Essa hipótese é também endossada pelos dados de Pacheco (2003). Esses trabalhos, então, mostram que a presença de um sinal de pontuação tende a incitar variações prosódicas. Assim, pode-se assumir que essas marcas gráficas sejam uma representação, da prosódia, na escrita.

À semelhança das expressões lexicais, esses sinais gráficos funcionam como marcadores prosódicos, mas diferentemente delas não possuem uma natureza lexical. Esses sinais, presentes na escrita, constituem uma representação gráfica que pode assumir um valor prosódico. Dessa forma, esse grupo de marcadores prosódicos pode ser considerado Marcadores Prosódicos Gráficos (MPG) e inclui todos os sinais de pontuação.

4 Considerações finais

Língua falada e língua escrita constituem dois sistemas lingüísticos com regras e funcionamento próprios. Não há uma relação transparente entre eles. Contudo, a escrita possui recursos que refletem o funcionamento da língua oral. Esses recursos podem representar aspectos fonológicos segmentais, bem como representar aspectos prosódicos. Dessa forma, é possível pensar que haja uma certa correspondência entre língua oral e língua escrita.

Referências Bibliográficas

- AFONSO, L. O aparecimento da escrita – um processo evolutivo. **Revista Contato**, 2002. <<http://www.revista-temas.com/contacto/NewFiles/Contacto8.html>>, acesso em 01/04/2006.
- ASSIS, M. O velho diálogo de Adão e Eva. In: ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 8ª edição. São Paulo:Ática, 1981, p.71.
- BALDWIN R.S.; COADY, J.M. Psycholinguistic Approaches to a Theory of Punctuation. **Journal of Reading Behavior**, Orlando, v. 10, n. 4, p. 363-375, 1978.
- CAGLIARI, L.C. A escrita do Português arcaico e a falsa noção de ortografia fonética. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 5, 1998, Oxford. **Actas...** Oxford: Associação Internacional de Lusitanistas - AIL, 1998. v. 1. p. 57-69.
- CAGLIARI, L.C. **A Estrutura Prosódica do romance A Moreninha**. Oxofor: Estágio Pós-Doutoral, 2002. 40 p. (Relatório).
- CAGLIARI, L.C. Breve História da Pontuação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 4, 1995, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 1995. p.177-183.

- CAGLIARI, L.C. Marcadores prosódicos na escrita. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 18, 1989, Lorena. **Anais...** Lorena: Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo, 1989. p. 195-203.
- CATACH, N. La ponctuation estles sustèmes d'écriture: dedans ou dehors? In: DEFAYS, J-M. ROSIER, L. TILKIN, F., (Orgs.). **À qui appartient la punctuation?** Paris: Duculot, 1998. cap. 2, p. 31-46.
- CHACON, L. A pontuação e a delimitação de unidades rítmicas da escrita. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 45, 1997, Campinas. **Estudos Lingüísticos, v. XXII.** São José do Rio Preto: Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo, 1998. p. 65-79.
- COHEN, H.; DOUAIRE, J.; ELSABBAGH, M. The role of prosody in Discourse. **Brain and Cognition**, San Diego, v. 46, n. 1-2, p. 73-81, jun/jul. 2001.
- COLLISCHONN, G. O acento em Português. In: Bisol, L. (Org.) **Introdução a estudos de Fonologia do Português do Brasileiro.** 3ª ed. Porto Alegre: Edpucrs, 2001. p. 125-158.
- DIRINGER, D. **A escrita.** LUIZ, A. (trad.). Lisboa: Gris Impressores, 1969. 245p.
- FÓNAGY, I. As funções modais da entonação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 25, 26-66, 1993.
- HALLIDAY, M. A. K. **A course in spoken English:** Intonation. London: Oxford University Press, 1970.
- HIGOUNET, C. **História concisa da escrita.** MARCIONILO, M. (trad). São Paulo: Parábola Editorial, 2003, 187p.
- HILL, R.L.; MURRAY, W.S. Commas and Spaces: The point of punctuation. In: ANNUAL CONFERENCE ON HUMAN STENCE PROCESSING, 11, 1998, New Jersey. **Proceedings....** New Jersey: 1998. p. 19-21.
- HILL, R.L.; MURRAY, W.S. Atoning for punctuation: prosody and ambiguity while reading aloud: In: ANNUAL CONFERENCE ON HUMAN SENTENCE PROCESSING, 13, 200, California. **Proceedings...** California, 200. p. 1-12
- IVO, O. S. REZENDE, A. M.; MAFRA, J.J. **Latim Fundamental.** Morfo-sintaxe progressiva. v. 1, Belo Horizonte: Editora UFMG/Proed, 1987. 201 p.
- JUNKES, T.K. **Pontuação:** uma abordagem para a prática. Editora da UFSC, Florianópolis: 2002. 289p.
- KELLER A. J. Michaelis - **Dicionário Escolar Alemão -alemão-português – português-alemão.** São Paulo: Melhoramentos, 2001, 631p.

KONDO, T.; MAZUKA, R. Prosodic Planning While Reading Aloud: On-line Examination of Japanese Sentences. **Journal of Psycholinguistic Research**, Warsaw, v. 25, n. 2, p. 357- 381, 1996.

MASSINI-CAGLIARI, G. ; CAGLIARI, L. C. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 1999. v.1. 238 p.

MATEUS M. M. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. In: PACHECO, V.; MASSINI-CAGLIARI, G. (Orgs.). **Questões de Fonética e Fonologia: uma homenagem a Luiz Carlos Cagliari**. **Estudos da Língua(gem)**. Edições Uesb, Vitória da Conquista, v. 3, p. 159-180, 2006.

PACHECO, V. **Estudo dos Marcadores Prosódicos através de uma investigação acústico-perceptual de textos lidos por falantes do português do Brasil**. Campinas, Unicamp, 2003. 132p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PACHECO, V. Leitura e prosódia: o caso dos sinais de pontuação. In: FONSECA-SILVA, M.C.; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A.S.C. (Orgs) **Em torno da Língua(gem): questões e análises**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2006, p. 41-70.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**. Como a mente humana cria a linguagem. BERLINER, C. (Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2002. 627 p.

REIS, C. A entonação no Ato de Fala. In: MENDES, E. A. M.; OLIVEIRA, M. P.; BENN-IBLER, V. (orgs) **O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias**. Belo Horizonte, UFMG: 2001. p. 221-230.

ROCHA, I.L.V., o sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n.1, 1997

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (orgs). CHELIN, A.; PAES, J.P.; BLIKSTEIN, I. (trad.) 9^a ed. São Paulo: Cultrix 1970, 279 p.

SWERTS, M; HIRSCHBERG, Prosody and Conversation: An Introduction. **Language and Speech**, London, v.41, n. 3-4, p. 229-233.1998.

't HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. **A Perceptual Study of Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.